

“Ainda há problemas gravíssimos”

* 4 MAI 2003

JORNAL DO BRASIL

Para Albert Fishlow, reformas e combate ao desemprego evitariam que crise social se alastre

FISHLOW

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA A1

Para o professor da Universidade de Columbia Albert Fishlow, no entanto, o governo brasileiro deve ficar atento para que suas políticas de austeridade não agravem ainda mais o quadro social do país.

– Ainda há problemas sociais gravíssimos. É preciso concluir as reformas, crescer mais e combater o desemprego para evitar a crise social que se alastra – alertou.

As palavras deste economista têm sido escutadas por interlocutores ilustres nos últimos tempos. Fishlow deu aulas e é amigo de longa data do ex-ministro da Fazenda Pedro Malan. O sucessor de Malan, o ministro Antônio Palocci não chegou a frequentar a sala de aula deste americano de nascimento, brasileiro de coração. Mas Palocci também costuma ouvir com alguma frequência a opinião do mesmo interlocutor.

Vieram do mercado financeiro – inicialmente o mais cético em relação ao governo Luiz Inácio Lula da Silva – excelentes sinais na semana passada de que a economia brasileira parece ter passado pela pior fase. Isso pôde ser percebido pela emissão bem-sucedida de títulos do Tesouro Nacional no valor de US\$ 1 bilhão (com uma procura que che-

gou a US\$ 7,3 bilhões) e pela melhora no *rating* do Brasil pela agência de classificação de riscos Standard and Poor's. Além da queda surpreendente do chamado risco Brasil (o menor desde abril de 2002) e pela cotação recorde do C-Bond (principal título da dívida externa brasileira negociado no mercado internacional).

– Há uma excelente receptividade para o Brasil. Não custa lembrar que o dólar disparou pouco antes deste governo assumir. E que havia um temor generalizado. Se falava em rompimento de contratos.

“É preciso agora pavimentar o crescimento da economia brasileira”

Eu estava otimista, mas era difícil encontrar alguém pensando igual – lembrou o economista da Universidade de Columbia.

Hoje, Fishlow se sente à vontade para comentar com outros acadêmicos americanos, ou com interlocutores brasileiros, não mais sobre o dia-a-dia, mas, principalmente, sobre o que virá pela frente.

– É preciso agora pensar no futuro, pavimentar o crescimento da economia brasileira – reforçou Fishlow.

O professor acredita que,

INFLUENTE Albert Fishlow, da Universidade de Columbia, é amigo de Malan e continua a ser ouvido pelo ministro Palocci



caso as reformas previdenciária e tributária avancem e não haja novidades negativas no *front* global, não será surpreendente aguardar uma expansão de até 4% do Produto Interno Bruto do Brasil no último trimestre deste ano.

– Mas isso não significa dizer que estou de olhos fechados para os problemas sociais, para a crise causada pelo desemprego. Esse aumento da violência no Rio de Janeiro, especialmente, preocupa, e muito. Ainda não afetou os investimentos, mas acaba, indiretamente, afetando – avisou.

O professor da Universidade de Columbia frisou que boa parte dos eleitores de Lula não votaram apenas pela plataforma política, mas principalmente pela urgência de mudanças no programa, pela crença de que é preciso avançar nas questões sociais.

– Dar as costas para esses eleitores seria um grave erro – advertiu.

A polêmica em torno da intervenção do câmbio, na avaliação do economista, está indo muito longe, tomando um tempo precioso que deveria ser melhor aproveitado para programar o caminho para o crescimento sustentado.

– Há um grande exagero nesta discussão. Virou uma tempestade em copo d'água. É preciso entender que a

economia é dinâmica. Com esse câmbio e com a inflação em queda, será aberto um espaço para reduzir os juros. Esse é um processo completo. Não dá para defender apenas a mexida em uma torneira, digamos assim – advertiu Fishlow.

A partir de junho ou em julho, o professor espera que já existam as pré-condições necessárias para que o Banco Central volte a reduzir a taxa de juros básica da economia, a Selic, que hoje está em 26,5% ao ano.

– Não dá para esperar crescimento com esse nível de juros.

Fishlow observou ainda que o Brasil não deve olhar apenas o seu *quintal*. Com a experiência de quem acom-

“Acredito que é um exagero a discussão sobre o dólar”

panha os indicadores da economia americana e também da Europa e do Japão, o professor lembrou que o dólar está em um momento de fraqueza frente ao euro e ao iene.

– Quem está de olho no câmbio apenas pelo lado do real está se esquecendo da fraqueza do dólar.

Nesse cenário, o professor frisou que a economia americana está dando sinais contraditórios, pressionada pelo alto déficit público.

– Quando a principal locomotiva está em ritmo lento, é um sinal de que fraqueza da economia global.

araripe@jb.com.br